



O Pensar Desenho: Reflexões Culturais e Interdisciplinares

MEMÓRIA VISUAL: DO EXERCÍCIO DO DESENHO À APRENDIZAGEM DO CORPO HUMANO NA FORMAÇÃO DE FISIOTERAPEUTAS

Josemar Blures de Souza Dias

FATECBA, Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho, Professor.
Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade – PPGDCI / UEFS.

mspinhoblures@gmail.com

Antonio Wilson Silva de Souza

PPGDCI, Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade / UEFS,
Professor. Doutor em Historia da Arte pela Universidade do Porto, Portugal

antoniowilsonsilv@gmail.com

Resumo

O presente estudo é uma reflexão contida na pesquisa de mestrado intitulada DESENHO E FISIOTERAPIA: a contribuição do exercício do desenho para o aprendizado da cinesiologia defendida e aprovada no ano de 2015, e esta vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – PPGDCI, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, no Estado da Bahia. A comunicação que apresentamos, expõe um dos itens de revisão bibliográfica que sustentam a discussão da transdisciplinaridade inerente ao Desenho, a Memória e a Fisioterapia. Constatamos que à formação dos fisioterapeutas em instituições brasileiras, utilizam da representação gráfica para orientar o aprendizado sobre o corpo humano, sendo a visualização repetitiva e a leitura de Desenhos a forma mais comum de utilização deste recurso para o alcance da aprendizagem do corpo humano e de sua anatomia. Para este caso, levantamos a necessidade da inserção do exercício do Desenho para o estabelecimento mais efetivo do aprendizado de estruturas anatômicas, discutidos na disciplina de cinesiologia. A ênfase que damos a memória visual, parte da relação durante o processo de aprendizagem, uma vez que a visualização de formas, contornos, cores, dimensões, aliado ao exercício de desenho, estabelece o desenvolvimento do aprendizado visual sobre o corpo humano e de suas estruturas orgânicas.

PALAVRAS - CHAVE: Desenho, Memória Visual, Fisioterapia, Anatomia Humana.

resumen

Esté estudio es una reflexión contenida en la investigación de maestría titulada DISEÑO Y FISIOTERAPIA: la contribución del ejercicio del dibujo al aprendizaje de la kinesiólogía defendida y aprobada en 2015, y está vinculada al Programa de

Posgrado en Diseño, Cultura e Interactividad. - PPGDCI, de la Universidad Estatal Feira de Santana - UEFS, en el Estado de Bahía. La comunicación que presentamos expone uno de los ítems de revisión bibliográfica que respaldan la discusión sobre la transdisciplinariedad inherente al dibujo, la memoria y la fisioterapia. Descubrimos que en la capacitación de fisioterapeutas en instituciones brasileñas, utilizan la representación gráfica para guiar el aprendizaje sobre el cuerpo humano, siendo la visualización y lectura repetitiva de dibujos la forma más común de utilizar este recurso para lograr el aprendizaje del cuerpo humano. tu anatomia Para este caso, planteamos la necesidad de insertar el ejercicio de dibujo para el establecimiento más efectivo de estructuras anatómicas de aprendizaje, discutido en la disciplina de kinesiología. El énfasis que damos a la memoria visual, parte de la relación durante el proceso de aprendizaje, ya que la visualización de formas, contornos, colores, dimensiones, combinada con el ejercicio de dibujo, establece el desarrollo del aprendizaje visual sobre el cuerpo humano y sus estructuras orgánicas

PALABRAS CLAVE: Dibujo, Memoria Visual, Fisioterapia, Anatomía Humana.

1 Introdução: o contexto da prática

A discussão sobre a relação do Desenho com a Memória Visual é um tema necessário para a compreensão de como a apreciação e exercício de Desenho em anatomia humana colabora no processo de aprendizagem, de estudantes de Fisioterapia. Uma vez que o estudante de Fisioterapia é instruído ao longo de sua formação a utilizar Desenhos (esquemas, gráficos, projeções, imagens, esboços, dentre outros), enquanto elemento complementar de aprendizagem, onde representam estruturas e/ou sistemas do corpo humano, dissolúveis no exercício docente “artefato expositivo em aulas teóricas e práticas” (DIAS, 2015).

Outro fator preponderante que exemplifica a presença do Desenho neste campo se reflete no ato “despretensioso” executado por professores e alunos do curso, ao produzirem desenhos do tipo *esboço*, para auxiliar a compreensão de temas teóricos retratados durante a aula sem o devido aos conhecimento teórico, prático e científico para tratar do assunto em exercício (DIAS, 2015).

Apesar da presença do Desenho, enquanto elemento de imagem que nutre os materiais de estudos do corpo humano disseminados nas bases bibliográficas e nas práticas de ensino dos professores, como é o caso do curso de Fisioterapia a área do Desenho não faz parte de seu Currículo acadêmico, e por essa razão, não há conhecimento teórico e/ou prático de expressão gráfica que oriente a qualificação do

uso dos recursos de imagem (desenhos) hora trabalhados empiricamente na sala de aula (DIAS, 2015).

Consideramos que a falta de reconhecimento do Desenho, tanto teórico, quanto instrumental provoca a baixa qualidade em sua utilização por parte dos acadêmicos. A apreciação de Desenhos serve apenas como recurso adicional, caso o estudante não consiga compreender o que os textos descritivos determinaram. Não é nosso interesse, menosprezar os processos didáticos nem a práxis dos docentes que lecionam no curso de Fisioterapia investigado, porém o reconhecimento do Desenho se configura num instrumento de aprendizagem capaz de ressignificar as relações de ensino e aprendizagem exercidos no exercício de formação de fisioterapeutas (DIAS, 2015).

2 Desenvolvimento: a memória visual e o (re)desenho da realidade.

Consideramos a construção de uma memória visual sobre a anatomia do corpo humano a partir do exercício do desenho, que é capaz de instrumentalizar a aprendizagem de conteúdos e conceitos, concretos e abstratos, expressos enquanto base científica na área da fisioterapia. Ao passo que o estudante usa de sua singularidade gráfica empregada no ato de desenhar estruturas do corpo humano acaba por estabelecer interlocuções baseadas em teorias e práticas visuais que servem de aporte a sua aprendizagem.

O aparelho visual é a estrutura do corpo humano responsável para a apreensão das formas do ambiente no qual vivemos, sendo a capacidade visual para concepção forma do ambiente um estímulo que permitiu ao humano em seu processo de desenvolvimento a construção representativa da realidade e também a confecção de objetos oriundos das matérias primas para sua sobrevivência, nessa relação de apreciação visual, processamento cognitivo da forma e elaboração de objeto (GOMES, 2001).

Entre os séculos XVI e XVII, foram formuladas as primeiras teorias na área da Arte, e defendiam a formação ou projeção da paisagem vista pelo artista como uma pintura, uma imagem pura da real, construída na estrutura retiniana do olho (ALPERS, 1999). Porém, foi refutada pela compreensão do campo da memória, como o local de armazenamento das imagens que realmente fazem significado ao humano e que se desencadeiam sentimentos, emoções, ações, capazes de redimensionar a própria compreensão de si e da realidade, derrubando a ideia de Pintura Retiniana.

Tudo que se apresenta a nossa visão é uma forma de representação, criada por nós, porque a visão é de “construir, e fazê-lo seguindo certos princípios. Sem exceção, tudo que você vê é construído por você: cor, sombra, textura, movimento, forma, objetos visuais e cenas visuais completas” (HOFFMAN, 2000, p.5). Nesse sentido ao utilizar o exercício do desenho como instrumento de aprendizagem da anatomia humana há uma prática complementar que amplia a atenção e percepção das estruturas do corpo que são desenhadas. Num ato que se conecta aos outros processos de ensino e aprendizagem trabalhados em sala de aula.

O exercício do Desenho poderá influenciar significativamente o aumento da percepção do desenhador, pois segundo Amheim (1989) percepção e visão são indissociáveis do intelecto, ao promover a reflexão do que foi visto. No ato de Desenhar, ocorre uma ação inconsciente que relaciona o que foi observado com a experiência visual adquirida pelo desenhador, nesse processo, Desenho e Memória é parte de um mesmo processo, que flui entre razão e subjetividade, ou mesmo entre fantasia e realidade. Uma vez que a memória possui a capacidade de trazer do passado imagens que foram vistas e/ou vivenciadas a tona, servindo de elemento primordial para sua expressão em técnicas gráficas como o Desenho.

Dentre as habilidades necessárias para a produção do Desenho, sem dúvidas desenhar a partir da memória é uma das formas mais difíceis, sendo necessário ao desenhador possuir uma experiência visual capaz de lhe proporcionar um repertório suficiente para facilitar esta tarefa, além do aprimoramento da destreza motora. Para Edwards (2000) à medida que as habilidades motoras e gráficas forem atingidas, o desenhador passará a agregar conhecimento suficiente para elaborar representações próximas ou mesmo fieis ao produto idealizado em sua memória.

A Memória Visual é tida como uma modalidade diferenciada de percepção, pois esta interna ao sujeito, porém há um forte embasamento de que, mesmo aparentando ser um campo pessoal ao individuo, a memória também é construída em grande parte por sua relação coletiva e social, isso quer dizer que todo o processo social ao qual estamos inseridos é elemento ativo para a construção da memória, que age como uma evocação de fatos já ocorridos. Sendo esta capacidade, capaz de guardar acontecimentos vividos que relatamos ser somente nosso, assim, passado, presente e futuro, são elementos de uma mesma essência (CHAUÍ, 2004).

Para Halbwachs (2006), a memória é construída das relações sócias as quais nos vivemos, sendo o ato individual, um olhar envolto numa totalidade de representações, em constante fluidez, que por vezes são priorizadas algumas e

descartadas, tantas outras. Nesse sentido, para nós como há um fragmento de memória de um tempo vivido, completo num olhar ao qual não temos acesso em sua totalidade, mas que é cúmplice de nós enquanto grupo e estrutura social, que pode ser rememorado e assumir características fluentes no presente.

Nessa perspectiva percebemos que com a possibilidade da construção de uma memória coletiva, também podem surgir nesse processo possibilidades de manipulação de informações, realizadas por grupos que estejamos inseridos, governos ou instituições familiares, empresariais, dentre outras, criando uma memória capaz de grande poder de difusão a qual se transmitem e influenciam ideias, valores, sentimentos e tantos outros impostos por tal classe (KURY, 2001).

É comum o uso de diversos dispositivos de memória, utilizados para massificar ideias e informações, a exemplos de vídeos, imagens e fotografias, que através de sua narrativa oral e visual, exercida também por outras formas de linguagem, que atingem o campo dos sentidos, do intelecto e das moções, gerando uma idealização coletiva sobre determinado fato ou acontecimento (KURY, 2001; BOSI, 2001; HALBWACHS, 2006).

Para Bergson (1999) e Pollak (1989) há uma relação distinta entre as memórias que surgem da obscuridade até a percepção da realidade, pois para os casos mais superficiais temos as “lembranças” e estas podem ser evocadas por imagens obtidas do campo visual, e se modificarem á medida que novas informações surgirem, é um campo de nível mais superficial, e por esta razão podem levar para uma falsa composição do passado.

A memória é um campo profundo, de tamanha importância que as informações oriundas desse grau de significância tendem a ser elementos formativos e desencadeantes de sentimentos, ações, ideias e imagens. O resgate dessas lembranças desencadeia ações no próprio presente de tão fortes e profundas que são, podemos dizer que elas são os elementos estruturantes do próprio ser, que acabam por transfigurar o real sentido do uso da imagem ou mesmo, neste caso do ato de desenhar (BERGSON, 1999; POLLAK, 1989).

O estado do presente se faz numa linha quase que imperceptível, pois é o limiar de nossa percepção sobre o sentido da realidade, que nos influencia a ações das mais diversas, quase que instantaneamente, e já o passado, esse se mantém oculto até ser realmente atingido e rememorado. Mais estes estados de tempo, não estão organizados harmoniosamente, muito pelo contrário, estão em constante

conflito, como uma disputa, onde os fatos mais determinantes se sobressairão em detrimento de outro que seja apenas uma lembrança (BERGSON, 1999).

É esse campo vivo da memória e em constante movimento que corrobora com a construção do Desenho, lhe fornecendo traços e acabamentos únicos, que permitem eternizar um dado momento representado pelo desenhador. E para isso, o repertório formativo do agente que empunhar o “lápiz” é essencial para projeção particular/coletiva do Desenho construído, onde a visão contribuirá para o armazenamento de informações ao campo da memória, e nela essas imagens captadas do ambiente sofrem modificações oriundas da especificidade do humano, são selecionadas inconscientemente, e expressadas com algumas especificidades gráficas (DIAS, 2015).

Por essa razão “aprender a perceber através do desenho parece modificar esse processo e permitir um tipo de visão diferente, mais direto. Esta edição cerebral é colocada em estado de espera, permitindo assim que o indivíduo seja mais totalmente e talvez mais realisticamente” (EDWARDS, 2000, p.25).

Com as delimitações do Desenho imaginário descrito por Ferreira (20__), ou mesmo do Desenho projectual denominado por Gomes (2001), percebemos que ambas as denominações caminham para um mesmo sentido, que é a memória, pois o sentido do Desenho aqui assume característica de produção imaginária, ainda no campo do *logos*.

Corroborando com este posicionamento teórico, Trinchão e Oliveira (2011, p.129-130), descrevem que em diversas atividades artísticas e do cotidiano, indicam a natureza de um tipo de Desenho interno, que se apresenta somente no ato concreto, mas que se apresenta e se desenvolve numa dimensão distante a apreciação do olhar. “Não há necessariamente o papel, nem o lápis, tampouco outros instrumentos que os desenhistas conhecem, há inúmeros casos em que a forma se clarifica durante o *modus operandi* já que tem, na memória, um centro de ação.”

No exemplo vivido e descrito por Ferreira (20 __, p.5) podemos perceber em seu relato, um exemplo comum do dia a dia em que segundo ele, utilizou-se da construção do desenho de memória para solucionar um problema, descrevendo que,

[...] a minha inquietação é que eu precisava pegar, apanhar uma amiga e ai eu não conseguia desenhar mentalmente (pensar) o caminho da casa dessa amiga para a casa de outra amiga que pretenderíamos visitar, eu não conhecia! Eu peguei a minha amiga, fui para o Rio Vermelho, precisava resolver alguns assuntos por lá. Em seguida pensei voltar pelo Rio Vermelho até Itapuã e pegar a avenida Paralela, mas ficava extremamente longe. Fui incentivada a ir

pela BR ou outro caminho mais perto. Pela BR, eu tinha medo de ir, então fiquei parada pensando e descobri que já tinha andando pela Vasco da Gama, e fiquei tranquilo. Ai, fiz o percurso pelo Iguatemi, avenida Paralela, avenida São Rafael e Cheguei.

Este exemplo representa uma desconstrução de que o Desenho é um exercício para pessoas “iluminadas, ou mesmo, para quem tem um dom”, diferentemente dessa premissa, percebemos que o ato de desenhar, é uma ação íntima do humano, e que este, o faz inconscientemente em seu imaginário.

Se o Desenho pode ser materializado, logo também pode ser aprendido, estimulado ou mesmo descoberto, ao desenhar a pessoa pode inclusive se valer de conhecimento e experiências já praticadas em atividades do cotidiano, a exemplo do ato de colocar um fio de linha numa agulha, ou mesmo a percepção e motricidade fina ao estacionar um veículo são atividades que se fazem de habilidades comuns ao desenvolvimento de práticas de representação, como o Desenho (EDWARDS, 2000).

Os Desenhos oriundos do campo da imaginação fazem parte de um modo de representação de difícil construção. O ato de selecionar dentro do “banco de dados” de imagens que possuímos um Desenho coerente com o que pretendemos relacionar com a realidade e transfigurá-lo em imagem bidimensional sobre papel é um ato que expressa não somente a criatividade, mais a inventividade, a cientificidade e também a arte.

Passavento (2008) considera que,

Para tanto, a imagem visual entra em contato com outras imagens, presentes no “arquivo de memória” que cada um traz consigo, ou no “museu imaginário” que todo homem carrega, e que abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido. Esse verdadeiro museu imaginário de representação do mundo varia em extensão e qualidade de acordo com os referenciais de tempo e espaço, importando em experiências de vida, formação profissional, universo cultural, geração, territorialidade, etc. (PASSAVENTO, 2008, p.101).

Por essa razão, consideramos que os estudantes de Fisioterapia ao estudarem os Desenhos do corpo humano, não somente os da disciplina de Cinesiologia, mais outras tantas que fazem parte do Currículo Acadêmico da área, acabam por construir esse campo vivido de memória, que colabora para sua rememoração de imagens e semelhanças baseadas na realidade a qual estão inseridos, colaborando com o exercício de processos fundamentais de aprendizagem.

2.1 O desenhar de um método

Utilizamos o método da Pesquisa-Ação para fundamentar a dissertação¹, a qual este texto está baseado, além de outras considerações práticas realizadas após a conclusão da Pesquisa. Acreditamos que seu aprofundamento teórico sobre as relações inerentes a pesquisa social foram cruciais para chegar à estes resultados.

Sobre nosso papel diante a coleta de dados, consideramos que as palavras de René de Barbier, foram um alento primoroso, quando diz que,

“o pesquisador desempenha, então, seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, autoformação e a heteroformação a ciência e a arte” (BARBIER, 2002, p.18).

Essa relação de confiança nos permitiu dar mais ênfase a nossa atuação, seja durante a Pesquisa ou mesmo após sua conclusão, quando ela serviu de base para o exercício profissional em sala de aula (professor) no ensino superior. No sentido de mobilizar os participantes no processo teórico, prático e reflexivo, para despertar mudanças efetivas, no modo como conheciam e/ou utilizavam o Desenho.

Contudo, importa afirmar que a constatação da falta da prática do Desenho no curso de Fisioterapia e ou os demais curso de graduação na área da saúde em que atuamos enquanto professores de Anatomia Humana, não anularia a possibilidade de aprendizagem.

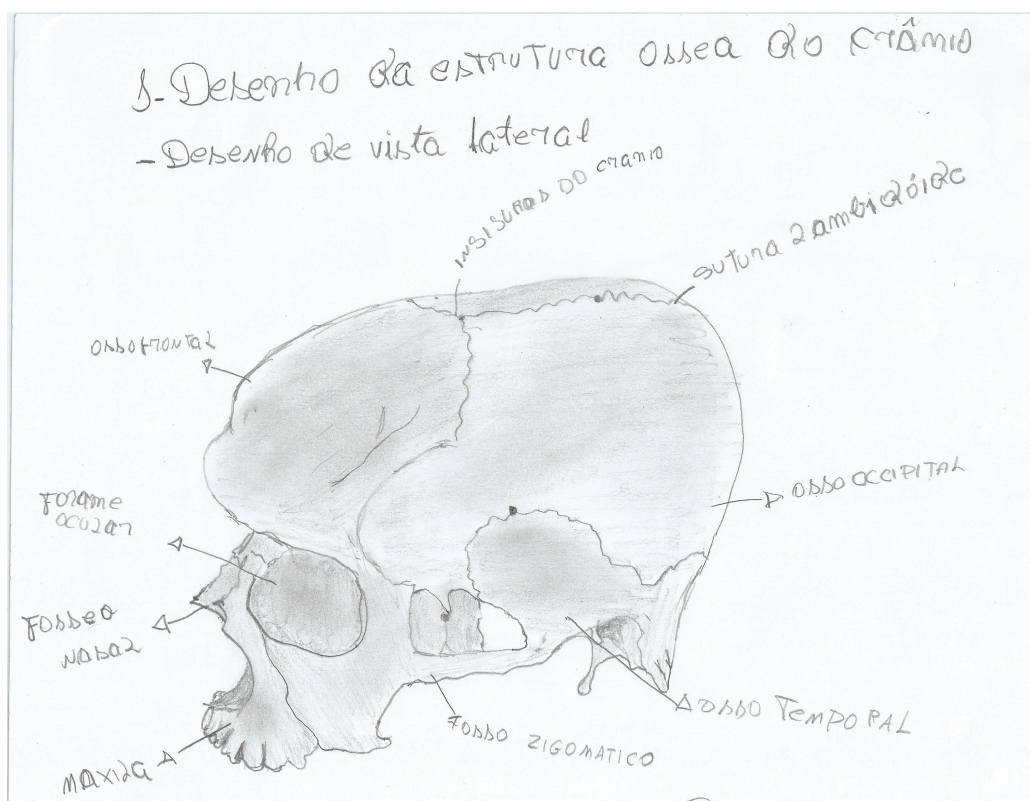
A atividade de campo que desenvolvida com os participantes à época, expressa fortemente a presença de conteúdos já aprendidos por eles, pois as estruturas anatômicas do corpo humano desenhadas são fruto também do repertório de memória visual que continham, a exemplo: durante a realização do terceiro encontro para a coleta de dados, desenvolvemos o tema da (Osteologia) e iniciamos com uma variação metodológica para a concepção deste Desenho, ao solicitarmos que este exercício fosse construído sobre a apreciação de um crânio humano cedido pelo laboratório de anatomia humana da instituição pesquisada para exercício de Desenhos.

¹ DIAS, Josemar Blures de Souza. **Desenho e Fisioterapia: a contribuição do exercício do desenho para o aprendizado da cinesiologia**. Dissertação (Dissertação em Desenho, Cultura e Interatividade) – UEFS, Feira de Santana – BA, 2015.

**** Pesquisa Financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, de 2012 a 2015.**

Para isso, utilizamos a exposição de três crânios humanos, apresentados em diferentes pontos da sala. O desafio dos estudantes era de retratar graficamente o crânio que estava na bancada em vista lateral, de modo a nomear as áreas correspondentes que visualizaram e retrataram graficamente.

Nossa participação, nesse momento concentrou-se na explanação de conceitos anatômicos trazidos pela bibliografia utilizada, na elaboração de um esquema básico para definição da estrutura do crânio, além de auxiliar os participantes a solucionar dificuldades gráficas e visuais, de modo individualizado, sempre que fomos solicitados. Vejamos um dos Desenhos produzidos nessa atividade.



Desenho 1 / Ano de Produção - Desenho de estrutura óssea do crânio (vista lateral) através de análise de peça tridimensional. 2014

Materiais utilizados: Papel A4 e Lápis 4B.

Modalidade de representação: apreciação visual de peça tridimensional para concepção de Desenho.

Autor: Aluno (a) S.B.S.

Fonte: Acervo do autor.

O Desenho estabelece com eficácia a representação da forma do crânio e de suas respectivas áreas. A nomenclatura de sua estrutura óssea comprova o repertório visual (memória) do participante, uma vez que, o Desenho do crânio já não era algo

desconhecido, esse conhecimento foi adquirido pela estudante em contextos formativos anteriores à realização desta atividade.

A construção de um Desenho amparado numa imagem real (tridimensional para bidimensional) estabeleceu uma dificuldade. A utilização da mínima base de conhecimento gráfico desencadeou uma atividade carregada de análise visual, utilização de imagens da memória e a produção gráfica de Desenho que necessita de toda essa inter-relação, para se materializar. Por esta razão, defendemos o exercício do Desenho como estratégia complementar de aprendizagem. E sua relação com o campo da Memória Visual é mais uma constatação de sua utilidade conceitual e instrumental.

Sobre o Desenho trazido ao corpo deste texto podemos observar que sua construção foi motivada pelo desafio de retratar a imagem do crânio próxima do real, que condicionou o participante a empregar a composição de sombra ao seu Desenho, na tentativa de dar ênfase à representação que desenvolvia.

A nomenclatura das regiões ósseas colocadas pelo participante indica sua relação visual anterior com o que ele estava por desenhar. Porém, nesta atividade, ele foi condicionado a atuar de forma colaborativa no processo de aprendizagem, através do exercício do Desenho, ação muito diferente da que vivencia, quando serve apenas de elemento receptor para as teorias e as imagens levadas à sala de aula para que o estudante possa extrair daquela relação passiva, algum tipo de conhecimento.

3 Conclusão

A Memória Visual em relação à atividade de Desenho é um estudo importante diversas áreas do conhecimento, em se travando de sua relação com a produção de desenho da anatomia humana (cinesiologia), observamos a constatação de que os estudantes ao ingressarem no curso de Fisioterapia, são fortemente orientados a fazer Desenho, dada sua relação pela construção da imagem visual e construção gráfica, sendo o seu mais novo modo de aprendizagem do corpo humano. Apesar da baixa qualidade produtiva e reflexiva encontrada nas relações de ensino e aprendizagem da Fisioterapia (Instituição pesquisada), não ha como negar sua presença enquanto elemento de aporte ao estudo da anatomia humana, porém necessita ser exercendo de forma substancial para a construção de uma memória visual, para contemplar de forma significativa as aprendiagens necessárias à formação do Fisioterapeuta.

REFERÊNCIA

- ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII.** (Trad.) Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- AMHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte.** (Trad.) Jeferson L. Camargo, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação.** Editora Plano, Brasília, 2002.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** (Trad.) Paulo Neves, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Clélia. **O tempo vivido na memória: Ensaio de psicologia social.** São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia.** São Paulo – SP, Editora Ática, 2004.
- DIAS, Josemar Blures de Souza. **Desenho e Fisioterapia: a contribuição do exercício do desenho para o aprendizado da cinesiologia.** Dissertação (Dissertação em Desenho, Cultura e Interatividade) – UEFS, Feira de Santana – BA, 2015.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro.** (Trad.) Ricardo Silveira, Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- FERREIRA, Edson Dias. **Desenho, Linguagem e Processo de Ensino.** Univ. Est. de Feira de Santana – UEFS, Depto. de Letras e Artes, Bahia, 20__ .
- GOMES, Luiz Vidal Negreiros. Desenhismo. **Criatividade: Projeto, Desenho e Produto.** Santa Maria – RS, sCHDc, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** (Trad.) Beatriz Sidou. São Paulo, Centauro, 2006.
- HOFFMAN, Donald D.. **Inteligência Visual: como criamos o que vemos.** Rio de Janeiro, Campus, 2000.
- PASSAVENTO, Sandra Jatahy. (Org). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Editora Asterisco, Porto Alegre – RS, 2008.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- KURY, Lorelai. **Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiências, relato e imagem.** (Rev.) História, Ciência, Saúde., vol. 8, p.863-880, 2001.
- TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa.; OLIVEIRA, Lisie dos Reis. **A história contada a partir do desenho.** Graphica: I Simpósio Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho. Anais do Graphica, 1998.